

Maria Firmina dos Reis como um contraponto ao modernismo paulista: uma hipótese ainda não comprovada¹

Rafael Balseiro Zin²
ORCID: 0000-0002-8755-9194

Resumo: Um ano antes da realização da Semana de Arte Moderna de 1922, o escritor Graça Aranha teria procurado Monteiro Lobato para lhe sugerir a publicação de uma segunda edição do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, como uma forma de ambos os autores se contraporem aos ideais modernistas paulistas, valorizando o que eles consideravam como uma literatura verdadeiramente nacional. Buscando problematizar esse possível episódio da historiografia literária brasileira, cujas referências não foram apresentadas por Lucciani M. Furtado em seu *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, esse artigo tem por intuito debater, num primeiro momento, a possibilidade de reedição do romance inaugural da maranhense como um contraponto ao modernismo paulista para, logo na sequência, apontar o descaso com que as fontes documentais são tratadas por determinados pesquisadores, sobretudo quando elas se referem à história e ao legado de personalidades negras brasileiras.

Palavras-chave: Semana de Arte Moderna. Maria Firmina dos Reis. Graça Aranha. Monteiro Lobato. 1921 e 1922.

¹ As reflexões aqui apresentadas são um desdobramento da minha tese de Doutorado em Ciências Sociais, intitulada *Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão*, defendida em março de 2022 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Sociólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP.

Abstract: A year before the 1922 Modern Art Week, the writer Graça Aranha sought out Monteiro Lobato to suggest the publication of a second edition of the novel *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, as a way for both authors to oppose the São Paulo modernist ideals, valuing what they considered as a truly national literature. Seeking to problematize this possible episode of Brazilian literary historiography, whose references were not presented by Lucciani M. Furtado in his *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, this article aims to discuss, at first, the possibility of reprinting the inaugural novel by Firmina dos Reis as a counterpoint to São Paulo modernism, to, soon after, point out the disregard with which documentary sources are treated by certain researchers, especially when they refer to the history and legacy of black Brazilian personalities.

61

Keywords: Modern Art Week. Maria Firmina dos Reis. Graça Aranha. Monteiro Lobato. 1921 and 1922.

Resumen: Un año antes de la Semana del Arte Moderno de 1922, el escritor Graça Aranha buscó a Monteiro Lobato para sugerirle la publicación de una segunda edición de la novela *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, como una forma de que ambos autores se opusieran a los ideales modernistas de São Paulo, valorando lo que consideraban como una literatura verdaderamente nacional. Buscando problematizar este posible episodio de la historiografía literaria brasileña, cuyas referencias no fueron presentadas por Lucciani M. Furtado en su *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, este artículo tiene como objetivo discutir, en un primer momento, la posibilidad de reimprimir la novela inaugural de Firmina dos Reis como contrapunto al modernismo paulista, para, poco después, señalar el desprecio con que ciertos investigadores tratan las fuentes documentales, especialmente cuando se refieren a la historia y al legado de personalidades negras brasileñas.

Palabras clave: Semana del Arte Moderno. Maria Firmina dos Reis. Graça Aranha. Monteiro Lobato. 1921 y 1922.

Introdução

As manifestações literárias que tematizaram ou mesmo que se colocaram em defesa da liberdade para os africanos e afrodescendentes escravizados no Brasil foram praticamente inexistentes até meados do século XIX. Somente no final da década de 1840 é que as primeiras imagens do cativo passaram a ocupar algum espaço em nossa literatura, sendo o poeta maranhense Gonçalves Dias (1823-1864) o seu responsável direto. Ao negro, ele dedicou especial atenção em seu poema *A escrava*, publicado em 1846 no livro *Primeiros cantos*; e em seu romance inacabado *Meditação*, cujos três primeiros capítulos, escritos em prosa poética, foram veiculados no primeiro semestre de 1850, na cidade do Rio de Janeiro, nas páginas da revista literária *Guanabara*. Nesse mesmo período, no Maranhão, demais escritores também trataram dessas questões em suas respectivas narrativas, tendo maior destaque os nomes de Trajano Galvão de Carvalho (1830-1864), autor de *Calhambola, a crioula*, de 1854; Celso Magalhães (1849-1879), que escreveu *O escravo*, de 1867; Joaquim de Sousa Andrade (1833-1902), também conhecido como Sousândrade, autor de *O guesa*, redigido ao longo de trinta anos, entre 1854 e 1884; e Aluísio Azevedo (1857-1913), criador de *O mulato*, publicado no Rio de Janeiro em 1881. A primeira voz feminina a registrar a temática da escravidão na literatura brasileira, portanto, é a de Maria Firmina dos Reis, com a publicação de *Úrsula*, em 1859.

Infelizmente, contudo, como é comum a boa parte das mulheres que exerceram atividade letrada no Brasil nos séculos XIX e início do XX, após o seu falecimento, ocorrido em 11 de novembro de 1917, o nome da romancista caiu em um processo de profundo esquecimento, até ser devidamente recuperado na década de 1970, a partir dos esforços de pesquisa empreendidos pelo professor, poeta e jornalista maranhense José Nascimento Morais Filho (1922-2009), que realizou com sua equipe de assistentes reunida para essa missão uma intensa pesquisa em jornais locais alocados nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, e que culminou no primeiro esboço de uma biografia sobre a maranhense, intitulada *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, publicada em 1975. Desde então, com o passar do tempo, novos estudos sobre a vida e a obra da nossa protagonista foram se avolumando, fazendo com que o seu nome passasse paulatinamente a ocupar o lugar que lhe é devido: o de pioneira da criação literária de autoria negra e feminina no Brasil.

Em 2017, no bojo das comemorações alusivas ao centenário de falecimento da autora, a Editora Uirapuru, sediada em São Paulo, anunciou o lançamento do primeiro volume da obra *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, uma edição de fôlego organizada pelo pesquisador Lucciani M. Furtado, propagandeada naquele momento por conter uma série de novidades sobre a vida e a obra da maranhense, como a veiculação de um autorretrato, obra testamentária, fotografias raras e demais documentos até então desconhecidos. Em meio à tantas “descobertas”, o *Memorial* apresentou uma informação inédita para os estudos firminianos, ao revelar uma relação bastante curiosa que teria se estabelecido entre o escritor maranhense Graça Aranha (1868-1931), conterrâneo de Maria Firmina dos Reis, e o editor Monteiro Lobato (1882-1948), entre os anos de 1921 e de 1922, na cidade de São Paulo. Furtado conta em seu livro que, um ano antes da realização da Semana de Arte Moderna, Graça Aranha teria procurado Monteiro Lobato para lhe sugerir a publicação de uma segunda edição do romance *Úrsula*, como uma forma de ambos os autores se contraporem aos ideais modernistas paulistas, valorizando o que eles consideravam como uma literatura verdadeiramente nacional.

Os detalhes dessa história, que serão apresentados com mais cuidado nas páginas a seguir, revelam uma movimentação um tanto particular feita por dois expoentes da literatura brasileira, mas que, por força das circunstâncias à época, acabou não vingando. Buscando problematizar esse possível episódio da historiografia literária nacional, cujas referências não foram apresentadas por Lucciani M. Furtado em seu *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, esse artigo tem por intuito debater, num primeiro momento, a possibilidade de reedição do romance inaugural da maranhense como um contraponto ao modernismo paulista, para, logo na sequência, apontar o descaso com que as fontes documentais são tratadas por determinados pesquisadores, sobretudo quando elas se referem à história e ao legado de personalidades negras brasileiras.

Quem foi Maria Firmina dos Reis?

Nascida em 11 de março de 1822 na ilha de São Luís, capital da província do Maranhão, Maria Firmina dos Reis foi registrada em sua certidão de batismo como filha de João Pedro Esteves e de Leonor Felipe dos Reis. Oriunda de uma família de pequenas posses, por volta dos cinco anos de idade se muda com a mãe para a vila de São José de Guimarães, ligada ao antigo município de Viamão,

localizado no continente e separado da capital pela baía de São Marcos (LOBO, 2006, p. 193; DUARTE, 2009, p. 263). A acolhida que teve na casa de uma tia materna, melhor situada economicamente, foi fundamental para a sua formação inicial (MOTT, 1988), além do apoio que recebeu durante a sua juventude do jornalista, escritor e gramático maranhense Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), “a quem deve sua cultura, como afirma em diversos poemas” (LOBO, 1993, p. 224). Por lá, Firmina cresceu em uma casa constituída por mulheres, em meio a uma família extensiva, em companhia da avó, da mãe e de suas duas únicas amigas na infância, a prima Balduína e a irmã Amália Augusta dos Reis. Anos mais tarde, em 1847, após completar os vinte e cinco anos de idade, é aprovada em um concurso público para a cadeira de instrução primária em Guimarães, obtendo o feito inédito de ter sido a primeira professora efetiva a integrar oficialmente os quadros do magistério maranhense, cargo de bastante visibilidade na época, que foi ocupado por ela até o início de 1881, ano em que se aposenta e em que funda, aos cinquenta e oito anos, no vilarejo de Maçaricó, uma das primeiras escolas mistas e gratuitas do país, dessa vez, dedicando-se aos filhos de lavradores e de proprietários de terras da região (MORAIS FILHO, 1975).

Do ponto de vista da criação artística, Maria Firmina dos Reis nos deixou um precioso legado. A primeira obra sua de que se tem notícia, *Úrsula*, foi publicada em 1859 na cidade de São Luís, pela Tipografia do Progresso, pertencente ao jornalista e tipógrafo local Belarmino de Mattos (1830-1870). Reconhecido atualmente como o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, além de ter sido o primeiro romance de autoria negra e feminina publicado no país, sob o pseudônimo “*Uma maranhense...*”, a autora apresenta de forma inédita aos leitores a questão da servidão, a partir do entendimento do negro, perspectiva essa que nortearia os seus demais trabalhos (DUARTE, 2005). É interessante observar que, num momento em que as mulheres viviam submetidas a um sem-número de limitações e de preconceitos, a ausência do nome, somada à indicação da autoria feminina, aliam-se ao tratamento “absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro” (DUARTE, 2009, p. 265). Não obstante, em seu romance inaugural, Firmina já expunha as duras condições do cativo, revelando ao mesmo tempo as contradições existentes entre a fé cristã, mantida e professada pela grande maioria da sociedade brasileira, e as crueldades do regime escravista, com seus castigos, torturas e humilhações. Como explica Luiza Lobo (2011, p. 119):

A consciência da negritude de Maria Firmina dos Reis em sua obra pioneira consiste em ver a questão da abolição não sob um prisma universalista, europeizado e distante do cotidiano, mas sob a ótica dos vencidos, descrevendo as condições concretas do escravo. Ela insere em toda a sua obra preciosos aspectos antropológicos que permitem ver a existência do escravo no seu aspecto real, sob a violência e o jugo de senhores e feitores que agiam sob o amparo das leis – como na cena do assassinato da escrava Susana, em *Úrsula*. Esta posição, bastante rara na literatura nacional, deve-se ao fato de a autora ser mulata e ocupar as camadas mais subalternas da sociedade brasileira, como professora primária. Pôde ela observar a vida cotidiana do escravo porque também ocupava o lugar social de oprimida, como mulher e como afrodescendente. Assim, observou de dentro, ao contrário de obras que descrevem a escravidão teoricamente. Foi a primeira escritora no Brasil a expressar o sentimento e as ideias abolicionistas em um romance, em 1859, e o fez explícita e corajosamente.

Apesar de ter sido relegado ao esquecimento alguns anos após sua publicação, *Úrsula* foi alvo de inúmeras considerações por parte da imprensa local. Entre anúncios de venda do livro e artigos que elogiavam a entrada da escritora no universo das letras, a recepção obtida na época foi bastante intensa. No ano seguinte à publicação de sua obra de estreia, Maria Firmina dos Reis passa a colaborar em jornais locais com textos poéticos, divulgando no periódico *A Imprensa* um primeiro poema, utilizando, ainda sem revelar o nome, as iniciais M.F.R. Em 1861, ela é convidada a participar da antologia poética *Parnaso Maranhense*, organizada pelo jurista, poeta e escritor Gentil Homem de Almeida Braga (1835-1876), e o jornal *O Jardim das Maranhenses* dá início à publicação de seu segundo trabalho, o conto *Gupeva*, de temática fortemente indianista. Tendo em vista a boa aceitação da obra por parte do público, em 1863, o jornal *Porto Livre* republica *Gupeva*. Em 1865, Firmina brinda os seus leitores em momentos diversos com o lançamento de novos poemas e, uma vez mais, *Gupeva* é reimpresso, dessa vez, nas páginas do jornal *Eco da Juventude*, contendo ligeiras alterações de estilo, mas sem apresentar modificações significativas em seu conteúdo.

Quebrando as barreiras impostas pela lógica patriarcal e manifestando o exemplo de criatividade e de determinação, Maria Firmina dos Reis segue adiante em sua produção literária, trazendo a lume, em 1871, os poemas de *Cantos à beira-mar*, publicados pela Tipografia do País, também em São Luís. Anos mais

tarde, em 1887, num período em que a instituição da escravidão passava de “mal necessário” a um “problema que exigia solução” (CHALHOUB, 1999, p. 16), no auge das campanhas abolicionista e republicana, a escritora lança na terceira edição da *Revista Maranhense*, além de novos poemas, o conto *A escrava*, narrativa breve em que descreve o funcionamento de uma rede antiescravista articulada de São Luís ao Rio de Janeiro, cujos membros escondiam cativos fugidos e, rápida e legalmente, lhes compravam a liberdade (TELLES, 1997, p. 414-415). Vale lembrar, também, que a autora contribuiu de maneira significativa na imprensa local com ficções, crônicas e até com a publicação de enigmas e charadas, prática recorrente na época, do mesmo modo em que atuou, de acordo com os que a conheceram em vida, na recolha e na preservação de textos da literatura oral, antecedendo nomes de importantes folcloristas brasileiros como Mário de Andrade (1893-1945) e Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), além de ter realizado trabalhos como compositora, sendo responsável pela elaboração, com letra e música, do *Hino à liberdade dos escravos*, de 1888 (MORAIS FILHO, 1975; DUARTE, 2009; SANTOS NETO, 2004). Para completar sua trajetória enquanto escritora e compositora, a maranhense contribuiu com a criação de algumas canções de caráter folclórico para folguedos populares, tais como a pastoral e o bumba meu boi. Segundo a tradição oral vimarense, inclusive, ela teria musicado os famosos *Versos da garrafa*, atribuídos pelos antigos a Gonçalves Dias.

De modo sucinto, essa breve cronografia serve para mostrar que Maria Firmina dos Reis teve participação relevante enquanto cidadã no Império, “ao longo dos noventa e cinco anos de uma vida dedicada a ler, escrever e ensinar” (DUARTE, 2009, p. 264). No Maranhão do seu tempo, ela foi considerada por seus pares como um exemplo de sabedoria e erudição. Sua popularidade deve ter sido tão grande em Guimarães que, até hoje naquela cidade, “a uma mulher inteligente e instruída chamam-na Maria Firmina” (MOTT, 1988, p. 62). Acontece, contudo, que os anos se passaram e, mesmo tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural maranhense oitocentista, tomando com as mãos a aspiração de, através do magistério e da criação literária, contribuir para a construção de um país mais justo e sem opressão, a escritora ficou por décadas esquecida, muito provavelmente por conta de um possível silenciamento ideológico vindo das elites condutoras da vida política e intelectual brasileiras. Faleceu em 11 de novembro de 1917, cega, pobre e sem nenhuma honraria,

na casa de uma amiga que vivera como escravizada e em companhia de Leude Guimarães, um de seus filhos de criação. O resultado desse processo é que “uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2009, p. 265).

Sobre o processo de recuperação histórica da vida e obra de Maria Firmina dos Reis

A despeito do cenário apresentado na seção anterior, de maneira um tanto peculiar, os escritos de Maria Firmina dos Reis vieram à tona outra vez. O romance *Úrsula*, em sua versão original, foi redescoberto em 1962 em um sebo na cidade do Rio de Janeiro, pelo historiador e bibliófilo paraibano Horácio de Almeida (1896-1983), que, ao garimpar a identidade do pseudônimo “*Uma maranhense...*” no *Dicionário por Estados da Federação*, de Otávio Torres (1885-1963), além de realizar consultas em outras referências, conseguiu identificar a procedência da autora (LOBO, 1993, p. 224). Tendo compreendido a importância histórica e literária da obra em questão, depois de ter preparado, em 1975, uma edição fac-similar do texto em companhia de José Nascimento Morais Filho, Almeida doou o seu achado a Nunes Freire (1911-1986), governador do Maranhão na época. No *Prólogo* que acompanha essa edição, porém, o bibliófilo salienta a ausência de registros sobre a escritora nos estudos dedicados à produção literária maranhense:

O livro de que se tira esta edição fac-similada é talvez a maior raridade bibliográfica do Maranhão. Trata-se de romance escrito por mulher e passa por ser o primeiro no Brasil de autoria feminina. Além do mais, só existe um exemplar conhecido da obra, fato que a torna ainda mais valorizada, independentemente do seu mérito literário.

Pouco se sabe da autora. Seu nome, Maria Firmina dos Reis, permaneceu mais de um século sepultado no esquecimento. De espantar é que isso tenha acontecido no Maranhão, terra que foi no passado um viveiro de homens ilustres, muitos dos quais com repercussão além das fronteiras do Brasil. Eram tantos os que se acotovelavam na literatura maranhense, entre jornalistas, poetas, escritores, ensaístas, historiadores, que São Luís, a gloriosa capital do Maranhão, granjeou a fama de Atenas brasileira. Nenhum, entretanto, tomou conhecimento da autora, certamente porque era mulher, numa época em que os homens faziam alarde da proclamada superioridade do sexo. (ALMEIDA, 1975, p. I)

Possivelmente, por ter sido redescoberta tardiamente, Maria Firmina também ficou esquecida entre os principais críticos e estudiosos da literatura brasileira. Nomes como o de Sílvio Romero (1943 [1888]), José Veríssimo (1981 [1916]), Ronald de Carvalho (1920), Nelson Werneck Sodré (1985 [1938]), Afrânio Coutinho (1986 [1959]), Antonio Candido (2000 [1959]), Alfredo Bosi (1970) e Carlos Nejar (2007 e 2011), por exemplo, ignoram-na por completo. E mesmo um intelectual afrodescendente como Oswaldo de Camargo (1987), em sua coletânea *O negro escrito*, de suma importância para o resgate de escritores negros brasileiros, não faz referência alguma a ela. Dentre outros expoentes da historiografia literária nacional, muitos fizeram o mesmo, à exceção de Sacramento Blake (1970 [1883-1902]), que foi contemporâneo da autora; Raimundo de Menezes (1978 [1969]), que soube da existência de Úrsula logo após seu ressurgimento e que acabou incluindo um verbete sobre a escritora na segunda edição de seu *Dicionário Literário Brasileiro*; e Wilson Martins (2010 [1979]), que, no terceiro volume de sua monumental *História da inteligência brasileira*, apenas cita o seu nome em uma linha.

Os demais documentos de e sobre Maria Firmina dos Reis foram recuperados a partir de 1973, pelo professor, poeta e jornalista maranhense José Nascimento Morais Filho, que realizou com sua equipe de assistentes reunida para essa missão uma intensa pesquisa nos jornais locais dos séculos XIX e início do XX, alocados nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís (LOBO, 1993, p. 225; CARVALHO, 2006, p. 62-63), e que entrevistou, entre outras personalidades, dois filhos de criação da romancista, Leude Guimarães e Nhazinha Goulart. É dele, inclusive, o primeiro esboço de uma biografia sobre a maranhense, intitulada *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, obra de difícil acesso e que foi publicada em 1975, o mesmo ano em que veio a público a edição fac-similar de Horácio de Almeida e o artigo *A primeira romancista do Brasil*, de Josué Montello (1975), também conterrâneo da autora, no *Jornal do Brasil*, tendo sido divulgado em língua espanhola no ano seguinte, na *Revista de Cultura Brasileña* (DUARTE, 2009, p. 265).

O livro de Morais Filho reúne charadas, enigmas e poemas divulgados na imprensa, além dos contos *Gupeva* e *A escrava*. Entretanto, para além das criações literárias, a descoberta de maior importância e que revela alguns traços da personalidade da escritora é aquele que deve ser, possivelmente, o primeiro

diário íntimo redigido por uma mulher no século XIX a ser publicado no Brasil: o *Álbum*, de Maria Firmina dos Reis (LOBO, 1993, p. 225). Somado a isso, o prefácio de Charles Martin (1988) à terceira edição de *Úrsula*; as reflexões de Norma Telles (1987, 1989, 1997 e 2012) e de Luiza Lobo (1993, 2006 e 2011) veiculadas em livros e periódicos especializados; o estudo assinado por Zahidé Muzart (1999) sobre as escritoras brasileiras oitocentistas; os apontamentos de Eduardo de Assis Duarte (2009) acerca da maranhense, além de alguns verbetes que podem ser consultados em dicionários e enciclopédias literárias voltados para essa temática (SABINO, 1996 [1899]; SCHUMAHER e VITAL BRAZIL, 2000 e 2007; e LOPES, 2007), completam os trabalhos mais relevantes sobre Maria Firmina dos Reis realizados durante o período que podemos chamar de *anonimato* ou então de *redescoberta*, evidenciando, assim, a escassa recepção crítica obtida pela autora em pouco mais de um século.

Para a sorte dos pesquisadores e principalmente dos leitores do século XXI, os ventos mudaram de direção nos últimos anos e esse triste cenário começou a ser redesenhado aos poucos, sobretudo a partir de 2017, ano que marcou o centenário de morte da escritora. Para avivar a efeméride e render as devidas homenagens a essa pioneira da literatura brasileira, uma série de eventos foi realizada naquele ano em diversas capitais do país, conectando estudiosos de norte a sul. Em meio às inúmeras possibilidades que um ano temático como esse sugere aos que se dedicam a investigar a vida e a obra da romancista, algumas novidades vieram à tona, o que contribuiu significativamente para o processo de recuperação histórica do legado firminiano. Até meados de 2017, por exemplo, estávamos bastante seguros de que o 11 de outubro de 1825 era a data correta para se comemorar, todos os anos, o aniversário de nascimento de Maria Firmina dos Reis. Contudo, para a nossa surpresa, durante as atividades do VIII Seminário Internacional e XVII Seminário Nacional Mulher e Literatura, ocorrido entre os dias 17 e 20 de setembro de 2017 na Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador, a pesquisadora Dilercy Aragão Adler tornou pública a informação de que a maranhense, na verdade, não havia nascido naquela data, mas em 11 de março de 1822. O anúncio foi feito em 19 de setembro, uma terça-feira, para todos os ouvintes da mesa *Maria Firmina dos Reis: centenário de uma precursora*, que contou com a participação do professor Eduardo de Assis Duarte, da Dilercy Aragão Adler e a minha.

Embora pareça um simples dado que corrija um ligeiro desvio de percurso na biografia da escritora, essa informação assume importância histórica única, uma vez que, praticamente tudo o que sabíamos a respeito de sua trajetória individual estava contido nos poucos fragmentos encontrados e reunidos por José Nascimento de Moraes Filho nos anos 1970, além das demais pistas que foram sendo coletadas nos últimos sessenta anos – de 1962 em diante –, por um corpo diverso de pesquisadores espalhados pelos quatro cantos do país. Essa novidade, por exemplo, revela que Maria Firmina dos Reis nasceu pouco antes do Brasil se tornar independente de Portugal. Além disso, ela não morreu aos 92 anos de idade, como pensávamos, mas aos 95, o que mostra o quão resistente e longeva foi essa mulher que dedicou uma vida inteira ao ensino básico e à criação literária. De acordo com Dilercy Aragão Adler (2017, p. 57-58), ainda:

No tocante aos dados pessoais relativos ao nascimento e origem de Maria Firmina dos Reis, nas várias fontes pesquisadas anteriormente, coletei e inclusive assinalei (...) que Maria Firmina dos Reis nasceu em 1825, em São Luís, Maranhão. Seu pai, João Pedro Esteves, era negro, e sua mãe, Leonor Felipe dos Reis, branca, de origem portuguesa, dados que passo a refutar, a partir de coletas recentes, em fontes primárias, no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM).

71

Mas antes devo explicar o que motivou a minha ida ao APEM. No período de 21 a 25 de agosto de 2017, por ocasião da realização da Semana Montelliana, na Casa de Cultura Josué Montello (CCJM), em São Luís, encontrei-me com a Profa. Mundinha Araújo, Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Estadual do Maranhão, escritora, pesquisadora e militante do Movimento Negro, sendo ela inclusive pioneira na realização do mapeamento dos quilombos, assim como no processo de investigação de temas para a história do negro no Maranhão. Na ocasião ela me disse que a mãe de Maria Firmina dos Reis não era branca e me compartilhou que tinha alguns apontamentos sobre a escritora coletados no Arquivo Público do Estado do Maranhão, e como demonstrei interesse, ela ficou de levar-me no dia seguinte. Além da informação de que a mãe de Maria Firmina, Leonor Felippa, não era branca, mas, mulata, tendo sido inclusive escrava do Comendador Caetano José Teixeira, fiquei surpresa ao ver a data de nascimento de Maria Firmina que diferia daquela registrada em vários trabalhos, inclusive nos meus. E me dirigi ao Arquivo Público no dia seguinte para coletar mais dados acerca de Maria Firmina, onde pude contar com a orientação da própria Chefe do Arquivo, Maria Helena Pereira Espínola, na busca dos documentos e, também, na tradução do português do Império.

A documentação que comprova esse breve histórico foi reproduzida por Dilercy em seu livro *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*, publicado em novembro de 2017 na cidade de São Luís, e pode ser facilmente consultada no Arquivo Público do Estado do Maranhão. Além dele, a Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, e a Hemeroteca Física e/ou Digital da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, também guardam documentos importantes que nos ajudam a reconstruir a trajetória de vida da maranhense. E é bastante provável que novos dados e informações, registros escritos e fotográficos, textos de cunho literário e demais documentos sobre a autora, que continuam desconhecidos por nós até hoje, ainda venham à tona nos próximos anos. Recuperar as pistas que nos permitirão reconstituir com maior exatidão determinados aspectos de sua biografia, portanto, é apenas uma questão de tempo.

Em 2017, também, no bojo das comemorações alusivas ao centenário de morte da Firmina, o Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP promoveu um ciclo de debates intitulado *Desvendando Maria Firmina dos Reis*, que foi realizado nos dias 9 e 10 de novembro daquele ano, na cidade de São Paulo. O evento contou com a participação de nove estudiosos da obra firminiana³, que se dividiram em quatro mesas temáticas. Aproveitando a riqueza das exposições e a aproximação desse time de pesquisadores que se reuniu de forma inédita para debater as ideias e o legado da escritora, chegamos à conclusão de que não poderíamos finalizar o evento sem projetar novos momentos como aquele. Como resultado desse primeiro encontro, após refletirmos em conjunto e avaliarmos o cenário, decidimos criar a *Rede de Pesquisadores sobre Maria Firmina dos Reis*, que conta, atualmente, com cerca de cinquenta pesquisadores brasileiros, distribuídos em dezessete estados da Federação e cujo objetivo é articular e aprofundar os estudos sobre a autora, além de fazer circular as informações e as novas documentações em torno do seu nome.

³ São eles: Eduardo de Assis Duarte, Ligia Fonseca Ferreira, Régia Agostinho da Silva, Algemira de Macêdo Mendes, Juliano Carrupt do Nascimento, Fernanda Rodrigues de Miranda, Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho, Luciana Martins Diogo e eu.

Maria Firmina dos Reis como um contraponto ao modernismo paulista

Ainda em 2017, com relação às novidades que vieram à público naquele ano, a Editora Uirapuru, sediada em São Paulo, anunciou no final do mês de novembro a pré-venda do primeiro volume da obra *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, uma edição comemorativa organizada por Lucciani M. Furtado, nome artístico do pesquisador Lutiane Marques Silva, que vem acompanhada do romance *Úrsula*, dos contos *Gupeva* e *A escrava*, além do poema de cunho antiescravista *Elvira*. A publicação do primeiro volume um foi prometida para novembro de 2017, justamente para marcar o centenário de falecimento da autora, mas, por problemas da editora com a impressão do livro na gráfica, ele foi lançado somente em janeiro de 2018. O segundo volume, que contém as demais informações sobre Maria Firmina dos Reis e o restante de sua obra poética, foi publicado no segundo semestre de 2019. Durante a campanha de divulgação do livro, no entanto, foi anunciado que esse primeiro volume viria acrescido com o *Álbum de recordações da Firmina*, um autorretrato, obra testamentária, fotografias raras e demais documentos inéditos, para traçar, segundo seu organizador: “(...) a excepcional história de uma mulher e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira contemporânea, levando-nos à descoberta do que existe de africano em nosso país” (sic).

73

Perplexo com o anúncio de tantas novidades simultâneas, adquiri um exemplar do livro e, assim que o recebi em minha residência, iniciei a leitura em busca das “descobertas” anunciadas. Infelizmente, para a minha surpresa, a editora não cumpriu o que prometeu, ou seja, não consta no primeiro volume a publicação do *Álbum de recordações da Firmina*, tampouco a publicação de seu autorretrato⁴, de sua obra testamentária, das fotografias raras e demais documentos ditos inéditos. Quando li o anúncio da publicação do livro, inclusive, já havia desconfiado, afinal, até hoje, nenhum dos mais de cinquenta pesquisadores que se dedicam a investigar a vida e a obra da autora conseguiu encontrar essas raridades. Por outro lado – e isso sim seria motivo de muita comemoração, caso fosse

⁴ Apesar de sua importância e dos aspectos políticos e sociais únicos contidos em sua trajetória, Maria Firmina dos Reis, infelizmente, não deixou para a posteridade quaisquer registros fotográficos ou mesmo alguma pintura ou desenho que pudessem identificá-la. Até hoje, tudo o que se sabe a respeito de suas feições vem de seu “retrato falado”, que foi registrado por Nascimento Moraes Filho (1975, s/p) em seu livro, após colher os depoimentos de Nhazinha Goulart, filha de criação da escritora, e de Eurídice Barbosa, que foi sua aluna na escola mista de Maçaricó: “Traços físicos – Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato-falado dos que a conheceram ao andar pelas casas dos 85 anos. Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos, mãe (1,58 m, pouco mais ou menos), morena”.

possível comprovar –, o *Memorial* trouxe uma informação inédita para os estudos firminianos, ao revelar uma relação bastante curiosa que teria se estabelecido entre o escritor maranhense Graça Aranha (1868-1931), conterrâneo de Maria Firmina dos Reis, e o Monteiro Lobato (1882-1948) editor, entre os anos de 1921 e de 1922, na cidade de São Paulo. Em determinada altura do livro, Lucciani M. Furtado (2017, p. 54) afirma o seguinte:

Originada em 1921 por Graça Aranha, a proposta [*de publicação de uma segunda edição do romance Úrsula*] almejava o relançamento do livro num curto intervalo de tempo. A revelação desse fato resgata uma parcela das memórias sobre os bastidores do universo editorial que, nos dias atuais, ainda permanecem escondidas em velhos, amarelados e empoeirados livros e papéis dos arquivos (...).

Para Monteiro Lobato, [Úrsula] era “uma obra das mais consideráveis nas letras nacionais. Os seus trabalhos de prosa e poema foram os mais variados” (sic). Que denunciavam “todo o horror da escravidão – vergonhoso *regímen* que maculou o coração desta nação – e revelaram toda a crueldade e a monstruosidade dos suplícios empregados aos negros da África, caçados a tiro, metidos nos porões dos negreiros como fardos de couro com carne viva por dentro, e depois trazidos à força para o cativoiro”.

74

De acordo com Lucciani Furtado (2017, p. 54), havia uma estreita conexão entre a produção literária da maranhense e as memórias do autor de *Canaã*, como fica explícito na seguinte passagem:

Graça Aranha definia a obra de Maria Firmina como “original” e reeditá-la numa editora de renome nacional [*como a de Monteiro Lobato*] cobriria as imensas lacunas deixadas pela ausência dos seus livros nas prateleiras das livrarias. Publicar os trabalhos de Maria Firmina era recuperar as histórias transmitidas de geração em geração e preservadas pela memória afetiva infantil, aquela dos anos vividos na velha São Luís. Para o romancista era reviver as crenças, os costumes e as lendas; escritos em linguagem cativante, sem o rebuscamento tolo dos escritores pósteros à romancista.

De fato, Graça Aranha e Monteiro Lobato se encontraram em 26 de outubro de 1921, na sede da Monteiro Lobato & Cia., em episódio narrado pelo próprio Lobato, em uma correspondência enviada por ele ao seu amigo Godofredo Rangel⁵ (1884-1951), datada de 27 de outubro daquele ano. E foi na sede da

⁵ José Godofredo de Moura Rangel foi um escritor e tradutor brasileiro, nascido em Carmo de Minas, no estado de Minas Gerais. Reconhecido pela crítica como um autor de talento superior, retratou em seus livros a calma da vida campesina mineira.

Monteiro Lobato & Cia. que teriam surgido as primeiras conversas entre os dois, acerca da produção literária de Maria Firmina dos Reis e sobre a intenção de reeditarem seus escritos.

Esteve por aqui o Graça Aranha. Foi interessante o nosso encontro. O Jacinto, daquela livrariuzinha O Livro, telefonou-me dois dias seguidos. Primeiro dia: “O Graça Aranha está em São Paulo e quer conhecê-lo”. Fiquei ciente e agradei. Segundo dia: “O Graça Aranha quer conhecê-lo. Venha cá”. Respondi: “Não posso. Muito serviço. Se de fato ele quer me conhecer, que venha procurar-me aqui”. Sim, porque quando eu quero conhecer alguém, eu o procuro, não o mando chamar sob vara. E afinal o Graça Aranha veio ontem e conversamos longamente e ficamos amigos. Falou tão bem da *Vida ociosa*⁶ que me entrou no coração. Eu hoje avalio os homens pela capacidade de compreensão do teu livro. Amanhã vamos almoçar juntos. (LOBATO, 2010 [1921], p. 471)

Sobre as impressões de Monteiro Lobato acerca de *Úrsula*, retiradas de um possível *Datiloscrito* que teria sido enviado por ele à Graça Aranha, também em 1921, Lucciani M. Furtado (2017, p. 85) nos conta que:

“Uma gratíssima impressão que me ficou dos tempos de mocidade foram as horas de mais intenso gozo espiritual que vivi ao ler a *Úrsula*, da Sra. Maria Firmina dos Reis, espécie de estandarte das nossas letras nacionais, concebida em pleno desabrochar das geniais mentalidades oitocentistas”, lembra Lobato.

“E quem não se sensibilizaria ao se deparar com o amor vigoroso e transbordante do jovem casal, sobretudo da fragilidade feminina da protagonista – a Sinhazinha que dá nome ao romance – redivivos em corpo e espírito, graças ao poder evocativo da arte advindo da pena de um dos vultos mais notáveis de uma das épocas mais brilhantes da literatura brasileira?!...”, sentencia Lobato.

Ansioso para formalizar as negociações dos direitos autorais, Graça Aranha encaminha solicitação ao irmão, residente em São Luís, para que localizasse e se comunicasse com os familiares da escritora. Enquanto isso, Lobato planejava a publicação de *Úrsula*, como volume na “Collecção Brasília”; as demais obras sairiam, inicialmente, em folhetins nas edições de *A novela semanal* e na *Revista do Brasil*, a maior vitrine de divulgação dos livros publicados pela editora.

⁶ *Vida ociosa: romance da vida mineira*, de Godofredo Rangel, foi editado em livro em 1920, após ter sido publicado em São Paulo, na *Revista do Brasil*, entre maio de 1917 e janeiro de 1918.

Mais adiante, Lucciani M. Furtado (2017, p. 87) diz que: “Úrsula seria o livro de transição [*da Coleção Brasília*], mas quis o destino que isso não acontecesse”. A ideia de Graça Aranha e Monteiro Lobato era publicar uma segunda edição do romance como forma de estabelecerem um contraponto às novidades que fervilhavam e que seriam anunciadas no ano seguinte, durante a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, preservando, assim, “a tradição da literatura verdadeiramente nacional”. E, logo na sequência, Furtado (2017, p. 87-88) nos conta os motivos que teriam levado Monteiro Lobato a desistir da empreitada:

“Não temos os brasileiros, o espírito muito inclinado à memória, ao resgate dos acontecimentos que o passado nos legou. Povo impressionista, vibrátil, faltam-nos as aptidões mais naturais para a especulação histórica. Nem sequer gostamos de pensar. As reflexões longas apavoram-nos. Somos um povo de impulsivos. A nossa cultura, mais extrema que intensa, mais variada que profunda, retrata bem essa incapacidade nativa para as cogitações demoradas”, desabafa Lobato.

Não havia como explicar esses acontecimentos que atropelaram a redescoberta de uma escritora fundamental [*da nossa literatura*]. O que fica implicitamente explícito era o envolvimento de questões outras que não seriam respondidas. Assim, houve um eclipse, um silenciamento sobre esses acontecimentos.

“É natural, portanto, que a Sra. Maria Firmina, romancista brasileira, morresse ignorada ou zombada. Essa ilustre senhora não era do seu tempo e do seu meio. Vê-se isso muito bem pela escassez da sua obra, curta mas excelente, que a primeira consagrou o Sr. Graça Aranha. Não haverá, provavelmente, muitos curiosos que se proponham a ler a obra de Maria Firmina dos Reis. Aos que sobrar coragem para tanto aconselhamos, ao menos, a leitura daquela obra. É quase certo que ficarão com o desejo de conhecer inteiramente...”, conclui o criador de *Jeca Tatu*.

Considerações finais

Conforme o exposto, infelizmente, os dois volumes do *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, além de serem confusos, não cumprem o que prometem. Mas apresento essa breve história para problematizar essa importante “descoberta”, afinal, até onde sabemos, após sua morte, a autora caiu em profundo esquecimento. O que tais passagens nos revelam, contudo, vai na direção contrária, mostrando que um dos principais editores do Brasil na época, o Monteiro Lobato, ao lado de um escritor de fama reconhecida, o Graça Aranha, tiveram a intenção de reeditar a produção literária da maranhense, ainda que não tenham obtido sucesso na empreitada. Para o desespero dos pesquisadores, porém, embora anuncie essas “novidades”, o organizador dos dois volumes acabou não revelando as suas fontes. A única informação lastreável que aparece no livro está na nota de rodapé de número 45, quando ele diz que os trechos escritos por Monteiro Lobato foram extraídos do seguinte documento: *Datiloscrito de Monteiro Lobato a Graça Aranha, dezembro de 1921*.

Em janeiro de 2018, entrei em contato com a Editora Uirapuru, via telefone, e com o Lucciani M. Furtado, através das redes sociais, em busca de maiores informações sobre o processo de organização do livro e sobre o levantamento feito por ele em torno do nome da Firmina, mas não obtive retorno. Por essa razão, entre janeiro e fevereiro de 2018, entrei em contato com a equipe que administra a *Coleção de obras raras* da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, que mantém boa parte do acervo particular do autor, composto por livros, fotografias, mobiliários, objetos pessoais e correspondências; com a equipe responsável pelo *Acervo de Monteiro Lobato*, sob a guarda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, que também preserva uma parcela significativa das cartas do escritor; e com a equipe que administra o *Fundo Monteiro Lobato* no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde estão suas demais correspondências. Infelizmente, o documento que poderia comprovar de uma vez por todas essa história não foi localizado. Apesar de frustrante, esse episódio revela o descaso com que as fontes documentais são tratadas por determinados pesquisadores, sobretudo quando elas se referem à história e ao legado de personalidades negras brasileiras.

Referências

ADLER, Dilercy Aragão. **Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Edição fac-similar organizada por José Nascimento Morais Filho. Prefácio de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora; São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, p. III-VIII.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Cultura, 1970 [1883-1902].

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**. Apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000 [1959].

CARVALHO, Claunísio Amorim. Imagens do negro na literatura brasileira do século XIX: uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 4, n. 2, dez. 2006, p. 53-69.

CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C., 1920.

CHALHOUB, Sidney. Prefácio. In: AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 15-17.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986 [1959].

DUARTE, Constância Lima. Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: *Úrsula*. **Revista de Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, maio/ago, 2005, p. 443-444.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula* (romance); *A escrava* (conto). Florianópolis: Editora Mulheres/Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2009, p. 263-279.

FURTADO, Lucciani M. (Org.). **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. Prosa Completa & Poesia. Livro 1. São Paulo: Editora Uirapuru, 2017.

FURTADO, Lucciani M. (Org.). **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. Prosa completa & Poesia. Livro 2. São Paulo: Editora Uirapuru, 2019.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleire**. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Editora Globo, 2010.

LOBO, Luiza. Autorretrato de uma pioneira abolicionista. In: LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1993, p. 222-238.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis (1825-1917). In: LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006, p. 193-196.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1: Precursores. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 111-126.

LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

MARTIN, Charles. Uma rara visão de liberdade. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Presença/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988, p. 9-14.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Volume III (1855-1877). 3ª ed. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010 [1979].

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2ª ed. Revisada, aumentada e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978 [1969].

MORAIS FILHO, José Nascimento (Org.). **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MOTT, Maria Lucia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. Coleção repensando a história. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 1999.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2007.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Editora Leya Brasil, 2011.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943 [1888].

SABINO, Ignez. **Mulheres ilustres do Brazil**. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996 [1899].

SANTOS NETO, Manoel. **O negro no Maranhão**. São Luís: Clara Editora, 2004.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico (Orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico (Orgs.). **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora do Senac Nacional, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1985 [1938].

TELLES, Norma Abreu. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. 531 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, São Paulo, 1987.

TELLES, Norma Abreu. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **Revista de História**, São Paulo, n. 120, jan./jul. 1989, p.73-83.

TELLES, Norma Abreu. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997, p. 401-442.

TELLES, Norma Abreu. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil do século XIX**. Coleção Entregêneros. Apresentação de Edgard de Assis Carvalho. Prefácio de Margareth Rago. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de Brasília, 1981 [1916].